



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS PORTUGUÊS E RESPECTIVA
LITERATURA

Maria Karoline Domingues

Quarto de Despejo, Carolina Maria de Jesus: Literatura Testemunhal e a expressão da realidade por meio da linguagem

Brasília/ DF

RESUMO

Este artigo analisa a obra "Quarto de Despejo" de Carolina Maria de Jesus, uma narrativa literária marcante que testemunha a dura realidade das favelas brasileiras no século XX. Publicada em 1960, a obra é notável por sua natureza testemunhal, apresentando uma linguagem única que revela cruamente a vida nas margens da sociedade. O trabalho explora a colaboração entre a autora e o jornalista Audálio Dantas, que descobriu o diário de Carolina durante uma visita à favela, resultando na publicação do livro. O artigo visa não apenas destacar a autenticidade e força testemunhal da obra, mas também examinar como Carolina Maria de Jesus utilizou a linguagem para expressar as experiências vividas nas favelas de São Paulo. Ao analisar elementos linguísticos, busca-se revelar como a obra continua a ressoar na literatura e sociedade, explorando o legado da autora e sua contribuição para a literatura testemunhal. A fundação teórica aborda a natureza do testemunho literário e sua capacidade de proporcionar uma compreensão profunda da condição humana, enquanto a seção metodológica explora a jornada de vida de Carolina, nascida na adversidade e moldada pela resiliência. O estudo pretende enriquecer a compreensão do impacto duradouro de "Quarto de Despejo" na literatura brasileira e no entendimento das experiências marginais.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus. Linguagem. Testemunho literário. Quarto de Despejo.

Dedico este trabalho a todas as vozes silenciadas e histórias não contadas, cujas vidas foram moldadas pelas duras realidades da pobreza e da desigualdade. Em especial, dedico este estudo a Carolina Maria de Jesus, cuja coragem e talento como escritora deram voz àqueles que muitas vezes são negligenciados. Que sua obra continue a inspirar a busca pela justiça social e a expressão da realidade por meio da linguagem. Dedicado aos que têm a coragem de dar voz às realidades esquecidas.

SUMÁRIO**RESUMO****INTRODUÇÃO****2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA****2.1 A TRAJETÓRIA TESTEMUNHAL DE CAROLINA MARIA DE JESUS****3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS****3.1 A JORNADA DE CAROLINA: NASCIDA NA ADVERSIDADE, MOLDADA PELA RESILIÊNCIA****4. UMA JORNADA PELA LITERATURA DE TESTEMUNHO E REALIDADE CRUA****5. CONSIDERAÇÕES FINAIS****6. REFERÊNCIAS**

1 INTRODUÇÃO

A literatura, além de ser um veículo de expressão artística, muitas vezes desempenha o papel de testemunho da realidade. No âmbito das obras brasileiras, "Quarto de Despejo", de Carolina Maria de Jesus, ergue-se como um monumento literário marcante que retrata de forma pungente as nuances da vida nas favelas durante o século XX. Essa obra em particular se destaca por sua natureza testemunhal, revelando uma linguagem singular que capta e transmite a realidade cruamente, sem subterfúgios.

Este trabalho propõe-se a analisar a essência testemunhal de "Quarto de Despejo" e sua contribuição para a literatura, destacando como Carolina Maria de Jesus utilizou a linguagem para expressar a dura realidade vivenciada nas favelas de São Paulo. Essa obra, publicada em 1960, carrega consigo não apenas a história pessoal de sua autora, mas também as histórias coletivas de tantos outros que enfrentaram condições similares de pobreza e marginalização.

Carolina Maria de Jesus emergiu como uma descoberta inesperada para o jornalista Audálio Dantas, que, ao visitar o Canindé com o propósito de elaborar uma reportagem sobre a favela, encontrou-se, por acaso, na residência da escritora. Foi durante essa visita que Dantas se deparou com o diário de Carolina, uma revelação que despertou surpresa em seu âmago. A partir desse momento, uma sólida conexão se estabeleceu entre o jornalista e a autora.

Ao folhear as páginas do diário, Audálio Dantas reconheceu o valor singular das palavras de Carolina e, movido por uma sincera apreciação pelo seu trabalho, assumiu o papel de editor. Essa colaboração frutífera culminou na publicação, em 1960, da obra intitulada "Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada," uma peça

literária que captura a essência e a experiência única de Carolina Maria de Jesus na favela.

Carolina Maria de Jesus, mulher, negra e catadora de papel, subverteu as expectativas sociais de sua época ao dar voz e espaço para as experiências cotidianas e as lutas dos mais marginalizados. Sua narrativa oferece um mergulho profundo na vida desses indivíduos, proporcionando uma compreensão mais íntima e autêntica das dificuldades, alegrias e dores enfrentadas por essas comunidades.

Neste contexto, esse artigo visa não só analisar o impacto de "Quarto de Despejo" como uma expressão autêntica da realidade, mas também investigar a maneira como a autora utilizou a linguagem como uma ferramenta poderosa para documentar e transmitir essas experiências. Através de uma análise dos elementos linguísticos, pretende-se revelar como a autenticidade e a força testemunhal desta obra continuam a ressoar e a impactar a literatura e a sociedade até os dias atuais.

Este trabalho se propõe a explorar o legado de Carolina Maria de Jesus e sua contribuição para a literatura testemunhal, investigando a complexa relação entre linguagem e a representação da realidade nas páginas de "Quarto de Despejo".

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. A trajetória testemunhal de Carolina Maria de Jesus

A literatura de testemunho representa a reconstrução de experiências vividas por indivíduos em eventos históricos significativos. Essas narrativas não se limitam a meros relatos; são complexas reconstruções de ambientes e contextos, frequentemente ligados a situações traumáticas, revividos e transmitidos pelo autor por meio da escrita.

O testemunho, enquanto forma literária, oferece uma janela para a expressão de experiências que frequentemente carregam um peso emocional indescritível. Essas histórias não apenas resgatam eventos do passado, mas também oferecem uma voz às narrativas muitas vezes silenciadas das minorias e de pessoas que

estiveram à margem dos acontecimentos históricos. Por meio do testemunho, questões profundas são levantadas, proporcionando um entendimento mais amplo e humano dos impactos causados por esses eventos. A literatura de testemunho transcende o mero relato de eventos passados; ela se torna uma janela para a compreensão mais profunda da condição humana, desafiando-nos a refletir sobre a resiliência, a dor e a esperança de que permeiam as vidas daqueles que ousam compartilhar suas experiências e testemunhos. A compreensão da condição humana é fundamental para adentrar no universo emocional que Carolina Maria de Jesus transmite em seu impactante diário "Quarto de Despejo". Expressões como "a fome é amarela" ou "a tontura da fome é pior do que a do álcool", ilustram de maneira vívida as sensações que permeiam a narrativa. Elas nos revelam a amplitude das dificuldades enfrentadas, onde a fome não é apenas a ausência de alimentos, mas uma presença marcante e perturbadora. A citação que descreve como "a tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estômago" traduz a intensidade do sofrimento, evidenciando que a falta de alimento vai muito além da sensação física, atingindo aspectos emocionais e psicológicos, gerando um vazio avassalador.

Este relato ilustra a desumanização provocada pela pobreza extrema e a luta diária pela sobrevivência, ressaltando a necessidade urgente de compreender e enfrentar as disparidades sociais que geram condições tão adversas para tantas pessoas. Carolina Maria de Jesus atua como um ponto de convergência de diferentes papéis - ela é tanto a autora, a narradora e a personagem de suas histórias.

Em seu relato, onde a personagem é a protagonista, ela revela uma escrita que mistura as características do narrador, da personagem e do autor, resultando em uma narrativa que se assemelha a uma autobiografia, conforme sugerido pelo título 'Quarto de despejo: diário de uma favelada' (1960). Este diário íntimo não apenas descreve os preços dos alimentos e transporte, mas também utiliza o 'discurso citado' para dar autenticidade aos relatos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 A Jornada de Carolina: nascida na adversidade, moldada pela resiliência

Carolina Maria de Jesus viu a luz do mundo em Sacramento – MG, no coração da zona rural, em 14 de março de 1914. Uma jovem negra, oriunda de uma família de ex-escravizados, ela emergiu em um cenário pós-abolição, filha de lavradores analfabetos, inserida na classe economicamente desfavorecida. O legado de seu avô, servia não apenas como um exemplo, mas também como um pilar fundamental em sua estrutura familiar. A autora da obra “Quarto de despejo”, Carolina Maria de Jesus, teve uma breve passagem pela escola. Mesmo sendo impelida por sua mãe a frequentar as aulas, Carolina não possuía a liberdade de contestar a decisão materna. Nesse mesmo contexto, sua mãe encontrava-se limitada em adotar uma postura divergente, aproveitando a oportunidade para evitar desapontar a senhora francesa. Essa constatação torna-se evidente ao analisarmos o seguinte trecho descrito em seu diário:

Eu sou francesa. Não tenho culpa da odisseia de vocês; mas eu sou muito rica, auxílio vocês porque tenho dó. Vamos alfabetizá-los para ver o que é que vocês nos revelam: se vão ser tipos sociáveis e, tendo conhecimento, poderão desviar-se da delinquência e acatar a retidão" (Jesus, 1986, p. 123).

Carolina Maria de Jesus destacou-se como uma mulher à frente de seu tempo, pois, contrariando as expectativas sociais, demonstrava pouco interesse em se casar. No entanto, aos 33 anos, viu-se desempregada e grávida. Enfrentando dificuldades financeiras, tomou a decisão corajosa de mudar-se para a favela do Canindé, localizada na zona norte da capital paulista. Nesse ambiente desafiador, ela assumiu a responsabilidade de criar seus três filhos: João José de Jesus, José Carlos de Jesus

e Vera Eunice de Jesus Lima, cada um deles sendo fruto de uma relação distinta. Sozinha, Carolina empreendeu a árdua jornada de sustentar sua família, tornando-se uma catadora de papel, ferros e outros materiais recicláveis. A partir desse cenário, Carolina registra em seu diário as experiências cotidianas vividas na favela, revelando as dificuldades enfrentadas, desde as privações alimentares até a batalha constante para prover o sustento de seus filhos, mas ela sempre nutriu a esperança de que, um dia, seus escritos receberiam algum reconhecimento ou visibilidade. A escritora descreve como a escassez alimentar na favela a impactou, destacando como essa experiência não apenas a influenciou negativamente, mas também lhe proporcionou valiosos aprendizados. Além disso, evidencia o quão Carolina era uma indivíduo culta e dedicada aos estudos, apesar de seu diário possuir uma linguagem informal. E ela mesmo diz que a fome é professora:

O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças. (Jesus, 1963, p. 26)

Carolina destacava-se como uma mulher erudita, a partir da leitura de *Quarto de despejo*, exibindo um vasto domínio em uma variedade de temas e uma perspicácia notável ao retratar sua vida na favela por meio da escrita. Demonstrava uma dedicação incansável à produção literária, entregando-se diariamente à leitura e à composição. Seu texto fluía de maneira contínua, meticulosamente registrado em letras firmes, quase nunca exigindo correções. Isso não estava alinhado com a norma padrão da língua portuguesa, mas sim com a extensão notável de seu conhecimento. Além disso, seus vizinhos a percebiam por sua maneira distinta de agir e seus hábitos únicos, já que ela preferia não seguir as convenções comuns da população local na favela. Além dos elementos sociais que permeiam as obras de Carolina, destaca-se uma subjetividade sensível que instiga os leitores a mergulharem em questionamentos profundos. Dentro desse rico contexto, a linguagem empregada por

Carolina desafia não apenas a crítica especializada, mas também os leitores, colocando em xeque o próprio conceito de língua padrão.

O emprego expressivo de termos e expressões originados da linguagem popular falada evidente em todo seu diário. Nesse contexto, as marcas de oralidade tornam-se evidentes, embora não tenham sido intencionalmente inseridas; pelo contrário, manifestam-se de maneira espontânea. Carolina, ao registrar suas reflexões em seus diários, aspirava a retratar-se como uma escritora culta, demonstrando familiaridade com a língua que empregava e enfatizando o uso de vocabulário refinado.

A autora não apenas aborda questões sociais em suas obras, mas tece narrativas impregnadas de uma subjetividade que transcende as barreiras do convencional. Ao fazer isso, Carolina convida seus leitores a refletirem não apenas sobre as complexidades sociais abordadas, mas também sobre a natureza fluida e maleável da linguagem.

Essa abordagem linguística não convencional não apenas enriquece suas histórias, mas também serve como um catalisador para uma análise crítica mais profunda. A linguagem de Carolina não se limita a ser um meio de comunicação; ela se torna uma expressão artística que desafia e redefine as normas preestabelecidas. Nesse processo, a autora coloca em xeque a ideia de língua padrão, convidando os leitores, não de forma intencional, a repensarem suas próprias concepções linguísticas e a considerarem novas perspectivas.

Assim, para além da dimensão social, as obras de Carolina revelam-se como espaços de exploração linguística e estética, desafiando não apenas as convenções literárias, mas também os limites do que é considerado "correto" ou "adequado" no uso da língua. E é por isso que desde o início da divulgação de suas obras, a linguagem empregada por Carolina sempre provocou debates e polêmicas no meio acadêmico.

Essas discussões têm dividido os críticos, com alguns defendendo a preservação da linguagem rica em traços de oralidade, enquanto outros advogam por uma reforma e correção conforme as normas padrão da escrita. Essa dicotomia de

perspectivas tem alimentado um contínuo diálogo sobre a abordagem linguística adotada por Carolina em sua produção literária.

Para além dessas controvérsias, é possível concordar que uma linguagem descomplicada e franca, na qual os erros gramaticais conferem apenas um toque de realismo, atingiu momentos de grande lirismo e intensidade expressiva. Indiscutivelmente, a abordagem de Carolina Maria de Jesus deixou uma marca indelével na história da literatura brasileira. A seguir, apresentam-se alguns trechos realistas descritos em seu diário:

Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me: - É pena você ser preta. Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta. (JESUS, 1960:58)

Carolina de Jesus manifesta em várias ocasiões sua reflexão acerca de sua identidade como mulher negra:

...Nas prisões os negros eram bodes espiatórios. Mas os brancos agora são mais cultos. E não nos trata com desprezo. Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam feliz. (JESUS, 1960:27)

4 UMA JORNADA PELA LITERATURA DE TESTEMUNHO E REALIDADE CRUA

Sousa argumenta que rejeitar a abordagem de leitura de dupla entrada proposta por Candido equivale a negar valor literário àqueles que afirmam que Carolina escrevia mal. É imperativo considerar a escrita de Carolina não apenas como autobiografia, mas também como heterobiografia, englobando tanto a expressão de si mesma quanto a representação do mundo. Apesar das controvérsias que cercam a discussão sobre Carolina, diversos aspectos significativos emergem. Sua escrita evoca desconforto em todos os sentidos, tornando impossível permanecer indiferente diante de suas palavras. No entanto, não é apenas o conteúdo verbal que provoca inquietação, mas também a presença marcante que assombrou inúmeros literatos, leitores e a sociedade em geral.

Seu relato testemunhal impactante revela uma realidade nua e crua, destacando como essa realidade permeou sua vida e influenciou sua produção literária. A narrativa que compartilha assemelha-se mais a um testemunho pessoal de superação em meio a uma sociedade profundamente estratificada e propensa à exclusão, do que a um simples relato cotidiano. Emerge a figura de uma mulher que, independentemente de sua cor, classe social e estereótipo, dedicou-se incansavelmente a garantir o bem-estar de seus filhos. Sua história é marcada por uma luta persistente, desprovida de lamentos quanto ao árduo trabalho e ao suor derramado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A autenticidade que emana de suas palavras transcende as páginas, ecoando como um testemunho marcante de uma era passada e, simultaneamente, como um apelo à reflexão sobre questões que persistem na sociedade contemporânea. A

narrativa de Carolina Maria de Jesus, embora enraizada em um contexto específico, transcende fronteiras geográficas e temporais, transformando-se em um legado que desafia o esquecimento e inspira ações em prol da justiça social.

Ao nos imergirmos na linguagem visceral de Carolina Maria de Jesus, somos confrontados com a imperiosa necessidade de reconhecer a humanidade em suas mais diversas manifestações. Sua escrita vai além de ser um mero documento da realidade; ela resgata a dignidade de indivíduos marginalizados, conferindo-lhes uma voz que ressoa mesmo nas circunstâncias mais adversas. Neste mergulho profundo, somos convidados não apenas a compreender, mas a sentir as complexidades da existência humana, reforçando a importância de uma consciência social ativa e do combate às injustiças. A literatura testemunhal de Carolina Maria de Jesus nos leva a compreender e sentir profundamente as experiências e desafios enfrentados por ela. Suas palavras autênticas e vívidas proporcionam uma imersão intensa na realidade de sua vida, permitindo-nos não apenas entender, mas também sentir as complexidades de sua existência. Carolina Maria de Jesus, por meio de sua narrativa sincera, abre uma janela para os aspectos mais profundos da condição humana, provocando reflexões as lutas cotidianas que muitos enfrentam.

REFERÊNCIAS

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura de testemunho: os limites entre a construção e a ficção. Letras, Revista do mestrado em Letras da UFSM. Santa Maria, RS. 2010

ROSA, Carolina Schenatto da; SILVA, Gilberto Ferreira da. “Carolina Maria de Jesus e o pensamento liminar na literatura brasileira”. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 28, n. 2, e60635, 2020.

Pina Rodrigues Maciel, Carolina. LITERATURA DE TESTEMUNHO. Opiniões. 2018

CANDIDO, Antonio. “Literatura e Subdesenvolvimento” (1970). A Educação Pela Noite. 6ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

Raul, Jessica Mara. CAROLINA MARIA DE JESUS: LITERATURA, ESPAÇO E HISTÓRIA. Publicado em: (2019)

O local do testemunho. Revista do programa de pós-graduação em História. Florianópolis, UDESC, SC, v. 2, n. 1, p. 3-20, jan./jun. 2010

